



DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Lembrança de José Leme Lopes

• Carlos Roberto Hojaij

"O que o homem é, depois de tudo, é a soma das vezes em que pode dominar em si mesmo a natureza; e sobre o incompleto feito que a natureza lhe impôs, a forma que tentou dar ao seu próprio dolorido rascunho."
(Guimarães Rosa)

Por vezes pode-se dizer que a natureza respeita um homem. Assim foi o dia da morte de José Leme Lopes. Os mortos a envolver o Cemitério de São João Batista, em Botafogo, compunham um contraforte com o límpido céu azulado escurecido e amarelado pelo pôr-do-sol do silencioso entardecer de 4 de junho de 1990. Leme Lopes inaugurava sua completa vida, e a natureza - como que possuída de sensibilidade e inteligência - reverenciava com magnífico poente a reintegração molecular do grande homem. Saudade, definitivamente insaciável, instalou-se no coração de seus amigos.

Tal eram a vitalidade e lucidez do querido mestre, que pensava em meu desejo sincero pudéssemos juntos comemorar em solene festa o centenário de seu nascimento. Porque releira artigo intitulado "A Psiquiatria dos Anos 80". Neste trabalho se encontra um panorama da Psiquiatria contemporânea, e esboço do desenvolvimento da década. Não fora escrito por algum jovem psiquiatra encantado com o progresso e augurando novidades; escrito, sim, pelo então quase-octagenário Leme Lopes, aquele de espírito aceso e sempre moderno, exemplo a revelar que tradição é matéria com a qual se forja o futuro. Leme Lopes era um velho cheirando esperança.

Psiquiatra que se preza incursiona pela Literatura. Penso até que Psiquiatria é artista metido a cientista. Mas também não é nossa culpa; quando muito, resposta a desafio. Pois não foram os filósofos e poetas que, já desde há muito, por meio de elucubrações, profundas estórias e versos ricos, se puseram a enveredar pelo terreno da loucura, investigando suas causas, descrevendo as formas de aparecimento da desrazão e propondo curas as mais diversas? Quanto de Psiquiatria existe em Platão, Pascal, Agostinho, Kierkegaard, Kant, Eurípedes, Shakespeare, Balzac, Dostoiévski, ...? E dentre os escritores brasi-



Leme Lopes faleceu em junho do ano passado

leiros, cabe citar Machado de Assis.

O literato Machado incurcionou pela Psiquiatria de Leme, destilando fina ironia nas páginas tragicômicas do estupendo "O Alienista". Dr. Simão Bacamarte inaugura na Casa Verde de Itaguaí uma ilha de insanidade, procurando experimentalmente definições de loucura e normalidade. Para desespero do aplicado médico, seus deslumbrados ensaios com a população de Itaguaí resultaram na conclusão da inadequação e inutilidade daquelas definições. Além deste ensaio social sobre a loucura, Machado aprofundou-se brilhantemente em descrições de quadros delirantes e alucinatórios, e de perturbações de consciência. É "Bras Cubas" quem declara: "Que me conste, ainda ninguém relatou seu próprio delírio; faça-o eu, a ciência mo agradecerá."

E assim vai Machado de Assis deitando em letras sua verve inte-

lectual. Seus textos constituem formidável material para penetração psicopatológica refinada. Porque ele escreveu desde dentro de si mesmo, a partir de sua própria alma perturbada episodicamente pelos tormentos da meialoucura que se achava nele instalada. Psiquiatra não era; somente uma consciência lúcida de seus distúrbios, aliada à original capacidade de exposição gráfica, lhe permitia descrever com extrema e sutil fidelidade as manifestações constitutivas das perturbações psíquicas da epilepsia.

Em livro dedicado a Climene, sua querida esposa, Leme Lopes bota olhos científicos na obra de Machado de Assis: "Uma releitura da obra de Machado de Assis me levou a tentar aplicar aos textos machadianos a metodologia da análise psicológica e psicopatológica." E Leme fez com que o discreto e inibido escritor falasse aos psiquiatras. Com bisturi de grande estilo, Leme disseca toda

a psicopatologia vertida por Machado e suas personagens. Sem dúvida, junto ao "O Diagnóstico em Psiquiatria", a "A Psiquiatria de Machado de Assis" constitui a valiosa e original contribuição de Leme Lopes à literatura psiquiátrica. Por sinal, como se diz de "Psicopatologia Geral", de Karl Jaspers, também "O Diagnóstico em Psiquiatria" se tornou livro de cabeceira dos psiquiatras.

Leme Lopes foi um dos maiores, se não o maior, psiquiatra brasileiro. O reconhecimento de seu mérito se encontra nas inúmeras homenagens recebidas aqui e fora do país, nos vários cantos do mundo. Foi-lhe muito gratificante ter presidido por duas vezes a Academia Nacional de Medicina e ter recebido a Comenda da Legião de Honra da França. Teve a singular oportunidade - e não desperdiçou - de percorrer toda a história da Psiquiatria brasileira, e viveu todas as passagens, desde a era quase-pré-científica à atual sofisticada Psiquiatria biológica. O Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro foi seu território, tornando-o, em sua época, o maior centro psiquiátrico do Brasil.

Leme Lopes foi professor. Enquanto o Hospital do Juqueri representou o ponto obrigatório de convergência de todo destacado psiquiatra durante a primeira metade deste século, não há psiquiatra da segunda metade que não tenha absorvido os ensinamentos de Leme Lopes. Seus discípulos estão esparramados pelo imenso Brasil. A pujante cultura psiquiátrica e humanista fluía sonora em sua fala firme. O silêncio dos ouvintes representava o interesse e respeito com as quais eram acolhidas suas palavras. Memória prodigiosa, dispensava a leitura de seus densos e extensos escritos.

Sua última presença pública ocorreu por ocasião do acolhimento de nosso amigo Adolpho Hoirisch na Academia Nacional de Medicina, em 28 de abril de 1989. Naquela noite de gala, o grande mestre roubou o espetáculo do novato acadêmico. Coubelhe saudar Hoirisch. Já com a vista declinada, que lhe dificultava a marcha, subiu ereto à tribuna, sem nada nas mãos, e por exatos trinta minutos empolgou a todos. A voz segura e clara anunciou nomes e datas, passagens íntimas do novel acadêmico, entremecendo demonstrações de inequívoca sabedoria. A meia ho-

ra de silêncio dos presentes foi secundada por palmas vibrantes desdobradas por vários e vários minutos. Sabidamente, Hoirisch propiciou bela noite ao amigo e mestre.

Já lá se vão meses desde a morte de José Leme Lopes. Sempre se lamenta a perda de alguém, quanto mais de amigo e figura de inestimável valor social. Porém, no sentido pleno da existência, a morte de Leme apenas cumpriu o fechamento de magnífico círculo. Leme viveu muito em tempo, e muito viveu todo o tempo de sua vida. Buscou o mundo, conheceu dos homens o que foi possível, bastante os ajudou no caminho da razão, vingou compromissos, agiu por todos os momentos, criou filhos, livros e instituições, lutou e amou, venceu e por vezes perdeu, suou o alegre suor do trabalho árduo, sorriu o sabor do conhecer, chorou discreto as dores do amor, cantou prazeroso a fortuna e driblou as dores da vida, e movia-se estoicamente tratando da formação de si mesmo como homem integral. Leme Lopes, a bem dizer, não morreu nem sucumbiu à doença; apenas repousou, porque cumpriu o tempo de sua existência.

Morte alguma é bela. Todas nos agridem, machucam, fazem sangrar a alma. A beleza se encontra na vida, no movimento dos encontros e desencontros, na riqueza das paixões de toda a ordem. Mas a morte pode ser recebida serenamente. Assim ocorre com o idoso dotado de sabedoria. O curso da vida foi cumprido. As inquietantes perguntas sobre o sentido e absurdo da existência carecem de significado, de oportunidade. Sabe-se que vai morrer, porque se viveu. Basta. Pode-se dispensar o lamento pela morte deste homem aos 86 anos de idade e ficar tão-somente com a magnitude de sua personalidade e grandeza das realizações. Um grande homem que morreu para viver para sempre além de seu restrito tempo.

Cometo agora final irreverência. De sua lembrança, Zezé, vem a "mensagem":

"A espada em tuas mãos achada

Teu olhar desce.
'Que farei eu com esta espada?'

Erqueste-a, e fez-se"

(Fernando Pessoa)

• Carlos Roberto Hojaij
é psiquiatra

Os ca

* Duílio Crispim Farina

Caicara paulista, naturalmente de radiculas indígenas, mestiços, verdadeiros mamelucos com maior ou menor sangue ibérico, português e espanhol, mas também em parcas doses, às vezes francês, alemão e italiano. Conheço-os desde a distante infância, grupos que vinham de Ubatuba, São Sebastião, para fixarem-se, por maior ou menor tempo, na ilha do Guaibe, de Santo Amaro, praias do Guarujá. Poderei apontar alguns de seus traços, fortes, atarracados, sisudos, de poucas falas, muita vez ensimesmados, reservados, dedicados a suas fainas, parcas roças, com venda de produtos da terra e principalmente afeitos às lides da pesca que dominavam e sobressaliam altivos como soberanos de práticas antigas, em passagem pelas gerações como quase deuses, iniciáticos, em proezas náuticas de canoas e redes. O seu forte: o mar aberto, que enfrentam destemidos, solitários ou em pequenos grupos. Só temem os tubarões que chamam meros e a fúria dos elementos dos quais fazem previsões evitadoras das borrascas e intempéries, em mar aberto.

Caçar, matar o peixe, em sua linguagem simples; o robalo na foz do rio junto ao mar; a garopa, nas tocas, nos costões, submersas junto à lagosta solitária e ao peixe-sapo (baiacu) que arrenegam. Mas só percebe-se alguma alegria em seus olhos a partir de maio, quando o parati, feito adulto, tainhas ricas em formas, ovas e gordura são atacadas pelo bando caicara, jovens e velhos, e até crianças, na rede leve, picaré, que as traz às rivas da praia às centenas, em delírio e confusão. Dir-se-ia último gentio a cultivar as dádivas de Netuno, fugaz instante de abundância. Mas não só, o arrastão com as variantes da pesca, o cação, a raia, todos os espécimes do reino das águas, sempre a engalanarem a diurna lida, em vidas ininterruptas. Os nossos olhos enchem-se, quase sessentanos mais tarde com as nítidas imagens dos que acorrem à matança do peixe, a tainha, chamados pelos sons do atalaia que do morro avista o cardume em direção à praia. Farândula de esforços, saga praieira do caicara litorâneo.

Todos, quase todos eram filhos, e naturalmente os mais velhos (patriarcas) de Ubatuba e São Sebastião. O chefe, resquício de cacique (um deles, Messias) merecia os privilégios de respeito e ser ouvido em casos de dificuldades. Somava a experiência dos séculos da náutica nativa.

Roaça, parca e limitada, diminuta, alguns palmos, mandioca a que chamam aipim, banana ouro, prata, figo e também "da terra", um feixe de cana doce, a Caiena, nome que repetem como sinónimo. Garapa em dias festivos, canjica às vezes, e alimento básico, primordial, não faltante, o peixe fervedo, moqueado ou mesmo guisado. Comem a fruta que encontram, nativa: goiaba, araçá, pitanga, jambolão, grumixama e mais, ou outra, sempre acidulas, mas ricas em ácidos ascórbicos e complexos vitamínicos. O sol, responsável pela transformação da provitamina A, na pele, defesa eletiva, impede o raquitismo e a carência cálcica. Endeusam as práticas do taba-

co, primos-irmãos do caboclo fumador. O abrigo, casebre de barro (adobe) e pau, tem como defensor da chuva um telhado de palma e de sapé. Terra adusta, batida, é o solo da moradia. Mobiliário rústico, assentam-se agachados, costumes também do sertanejo e do caipira. Não têm gestos de afetividade expansiva, os filhos correm-lhe na esteira, aprendizado de usos e costumes. Não sabem ler ou escrever, mas liam com segurança e certeza nas cartilhas dos elementos, a brisa, os ventos, as quedas de temperatura, o ulular ou calmaria das ondas, o balouço dos ubás, a perspectiva de matança de peixe ou a necessidade de se correr com a embarcação para a enseada, amainada a fúria dos elementos, sem incertezas.

Doenças todas, ausência de hábitos da deusa Higéia. "Struggle for life", batalha pela vida, seleção natural, perecem os fracos, permanência do mais forte. Saga não registrada, memória não lembrada, história não escrita. Introito simples, de muita saudade em que desfiliam Messias, Paulo Vermelho, Ventura, Benjamim, Paraíba, Pernambuco e seus filhos, já cruzamento de caicaras e nordestinos com as Pedrinhas e Babetes, e mais Nicola, Carmo, Joaquim, mestiçagem com intálcos.

De forma sucinta relembrei homens, escritores, cronistas e poetas, pintores que marcaram suas obras com as cores dos cenários e da gente caicara.

José Batista Coelho (J. Batista Coelho) ou "João Foca". Nasceu em Santos, a 1/1/1877, falecido no Rio de Janeiro aos 3/7/1916. Escreveu "Os Caicaras" (costumes praianos), em verdade mais narrativas de um momento do povo simples da orla marítima, mistura de cafuzos, praieiros, pescadores e alguns caicaras na verdadeira acepção do termo. Precursor da Saga descrita mais tarde por Ranulfo Prata, em "Navios Iluminados", e outro, também bons e esquecidos livros deste médico radicado em Santos.

João Foca, jornalista em Santos (no "Diário") e na Guanabara ("Jornal do Brasil"), teatrólogo, companheiro de Chabi Pinheiro e Jesuína Saraiva, teve andanças com representações no Pará e na Europa. Contista, nos "Caicaras" estudou tipos e motivos do litoral paulista. Em Lisboa foi classificado como "cavaleiro do riso". Humorista, diretor da "Cidade do Rio", "A Noite" (1900) e "Revista da Semana". No volume citado, prefaciado por Júlia Lopes de Almeida, e com capa de Benedito Calixto, passam acidentemente geográficos, nomes de praias, localidades (Guaiúba, Monduba, Enseada, Ponta Grossa, Engenho de Canhema), dizeres da gente do litoral, costumes, os batepés, os violeiros, a Bandeira do Divino, as Rezas, festas de São João e Santo Antônio, as flores da região, os frutos, os pássaros, hoje quase extintos (bonitos, alcaides, sairas, tiês, quaxes).

Os modismos da linguagem retratam maneira de ser, pensar, interpretar a ação dos elementos e a natureza: "A maré invadindo o lodaçal em ressacões que faziam fugir os caranguejos; o saltar barulhento de um cardume de paratis correndo à flor da água; copas de siriú-

bas altas, de folhas raras, ou retorcidas, bizarros galhos de mangues baixos, de troncos vermelhos escalavrados".

Riqueza de descrições, na minudência exata das proeminências da flora e da então abundância de fauna opulenta, pitangueiras, murteiros, abricoteiros, cercas de guarantã, a flor escarlate do gragoatã e a folhagem verde-negra do jundu.

A fala litorânea é imensa, em frases pitorescas: sala do fandango, na toada monótona do "rasgado"; todo babado pela lambisgóia, a solicitá-la nas "feiras", a requebrar-se, dengoso, puxando-a para o "corta-jaca", rindo muito nas juntadas...

A mandinga, as mezinhas, pirraças (acicates), pachorras. O estridular metálico da araponga no matagal.

Há também narrativas de amores lúbricos, de novas tróias litorâneas: "Corações rasgados por facas cravadas pelo ódio antigo e cultivado; a lâmina branca e fina penetrante". Irmãos, afastados dos longes, das bravezas do sertanejo marcado pela pena de Afrânio Peixoto em seus romances de arrojado, mulheres fatais, maris bonitas, e sangue em chapoups, em feridas abertas pelo ciúme e desavença.

A grande Júlia Lopes de Almeida apresentou os contos enfeitados no livro "Os Caicaras", todos oferecidos aos afins, amigos de sua roda: Vicente de Carvalho, Orlando Teixeira, Alberto Souza (historiador dos "Andradas"), Raul Pederneras, Luís Peixoto, Julião Machado, Tarquínio Silva, João Luso, Filinto de Almeida, Carlitos Afonseca,

Benedito Calixto, Fernando Mendes de Almada, Juquinha Alfaya.

João Foca foi íntimo de João Luso (então jornalista na cidade de Brás Cubas), Cunha e Costa, e Emilio Rouède, este boêmio francês, pintor, cozinheiro e que veio a morrer, na miséria, na Santa Casa de Santos, deixando-nos jóias iconográficas do litoral paulista (praias de Santos, Guarujá, principalmente), marcos dos anos de sua permanência, painéis somente mais exaltados por Benedito Calixto.

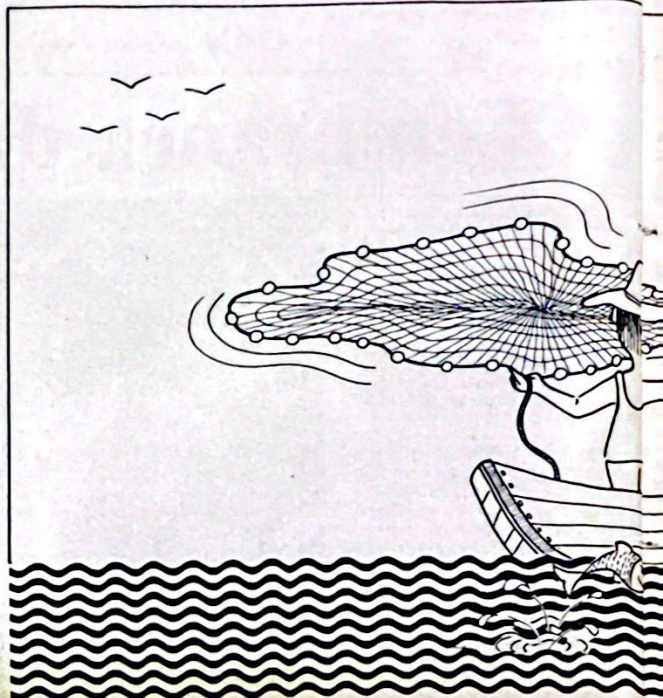
Calixto tinha também atavismos caicaras, inclusive de sangue. Intérprete máximo dos verdes e azuis dos mares paulistas, de nossas praias então solitárias.

Júlia Lopes de Almeida, na nota-prêmio do livro, recorda que a morte precoce de João Foca impediu a realização de um romance cuja visão já se esboçava em cenas palpitantes de realidade em que retiniria o ouro sobre as mesas de jogo do Guarujá, e deslizariam automóveis doidos pelas areias duras e pardas da praia do José Menino...

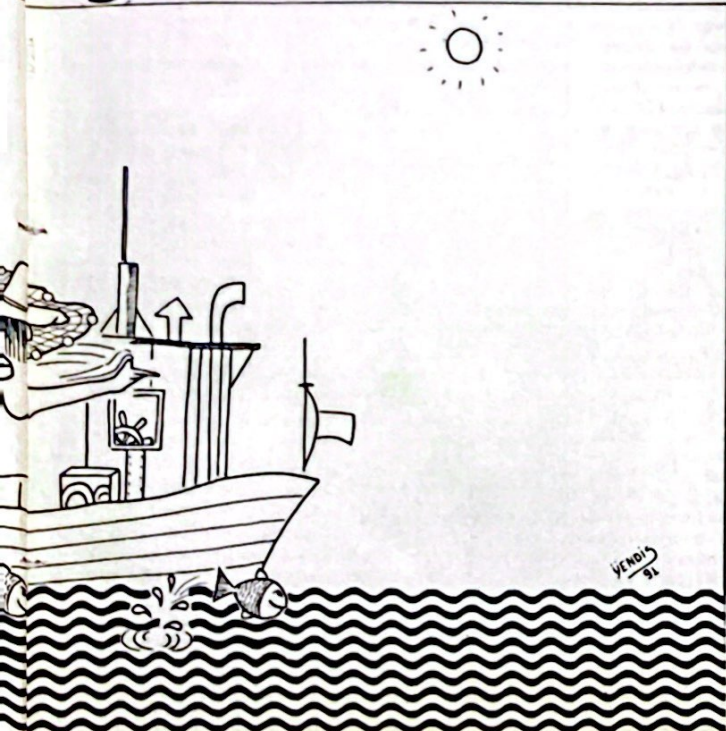
É necessário lembrar que entre a obra de J. Batista Coelho inclui-se a burleta "Grogotó-galhetas", cujo título refere-se a coisas das zonas marítimas.

Na verdade, "Os Caicaras" é tom raro, raridade da nossa bibliografia a merecer reedição, conhecimento e difusão pelo pioneirismo e regionalismo litorâneo.

Entre as opulentas paletas, registros das terras caicaras, surge a de Benedito Calixto de Jesus, nascido na vila de Conceição de Itanhaém (14/10/1853) e



Caíçaras



falecido em São Paulo aos 31 de maio de 1927. Também iniciado nas letras históricas, deixou monografias em que recendem suas empatias pelos chãos natais e o homem do litoral paulista. As praias infinitas, o lagamar, os contornos das seranias, cenários múltiplos que dizem sempre das fragrâncias da mata e dos mares nativos, das então praias cheias das garças forasteiras. A Calixto e Rouède temos de, entre muitos outros, acrescentar Cimbélino de Freitas e Bernardino de Sousa Pereira.

Cimbélino de Freitas, neto de dona Maria Antônia da Silva Ramos (1815-1902) e do tenente-coronel Mariano José Ramos; bisneto do barão de Antonina, próspero homem de negócios, que chegou a senador do Império, diretor da Fábrica de Ipanema, residiu no bairro do Guaré, ainda além do convento da Luz, enriquecido no tráfico de cavalhadas da Província de São Pedro para a feira de Sorocaba.

Mais paisagista, pintou Cimbélino, com amor, justeza, os cenários do reino Caíçara. Almeida Júnior é o máximo fixador do caipira bandeirante e Bernardino de Sousa Pereira o do caíçara, do pescador da Praia Grande afora rumo a Guape, lá residindo entre os que aculturava em telas magistrais com pincel preciso. Sua obra somada, analisada, estudada, permitirá com certeza o levantamento dessa grei já agora em extinção. Canoas, redes, cenas de arrasto, e lancear, o postejar do peixe, rudes instrumentais de navegação, remos, inscrevem-se em obras-primas, retratos do viver caíçara em inequívoca perfei-

ção, como espelham alguns quadros também de Oscar Pereira da Silva e de Gentil Garcez, este pintor santista, nascido em 1903.

De escritores que abordam chãos caíçaras é mister lembrar Leão Machado e Maria de Lourdes Teixeira. Leão Machado, em "Iperoig", lembra o presidio da ilha das Palmas, a Enseada, o Taquaral, a venda do Cardoso (parada obrigatória para alimentação, pousada e até para obtenção de canoas para a ilha, através das ondas crespas da Enseada e das águas cruzadas e perigosas do Boqueirão). Belo romance, gesta e cenário ligado ao litoral Norte de São Paulo. Lá também a imensa Maria de Lourdes Teixeira enalteceu esses solos, em cenários exuberantes e matizes plenos do belo (in "Rua Augusta").

O majestoso Vicente de Carvalho, poeta e prosador emérito, tem sido injustamente esquecido no que se refere ao caíçara. Poucos conhecem seus contos, de bela prosa, grande interesse, a envolver estes cenários por nós abordados, com os dramas e paixões humanas do caíçara, dos pescadores que ele descreve "Em Roda de Fogo": velhos e moços, todos descalços, em calças de algodão e camisas de baeta, sob os chapéus de palha amarrotados do uso e dos aguaceiros.

Sensitivo, sente a enormidade, a vastidão do oceano: "Vimos por uma aberta que o boqueirão rasgava no jundu, o mar estendendo na praia a alvura das ondas, preguiçosas da calmaria, ou tumultuando desganhadas, em arrepe- los e investidas, tocadas da viração do

largo. Para traz delas, a vasta superfície azul, em que o oceano se desdobra vagamente para o horizonte, e onde apenas se destacava, ao longe, esguio e solitário, o perfil dos Alcatrazes". Contudo, poeta, põe a nota saborosa: "Algum sabiá, pousado num ramo de aroeira em flor, cantava a melancolia da tarde".

Descreve a pescaria pelas ilhas de fora: Lage, Alcatrazes, Queimadas; a arpoação das caranhas; o dever do iniciático caíçara, "saber bater o remo e brigar com um peixe".

Jamais alguém conheceu melhor os aprestos e as necessidades: "Desde domingo tudo estava preparado, os linhotos desbolinados, os anzóis empatados, os arpões com cabo novo e ponta afiada, a vela bem erzida, o farnel pronto. Esperava-se a toda hora monção para sair. A lua cheia era daí há quatro dias mas o tempo não dava. Vento tirando a sul, mar malcreado, céu carrancudo de tormenta lá para fora."

Há que entender que em tempo algum ninguém como Vicente de Carvalho encarnou os sentimentos e o ser de uma gente. Linguagem verdadeira do homem do mar, miscigenado com descendentes de Cunhambebe e Jaguanhoara e outros tamoios e tupinambás. Fala autêntica, exata, pertinente: "Negro canhembora, fugido de Ubatuba, ninguém sabia de agouros como ele, e de curar com folhas e raízes apanhadas na lua própria, traquejado em tudo que diz pescaria, de tempos em tempos tinha assim uma afrontação que ficava meio variado e não conhecia ninguém".

Léxico, etimologia caíçara, maneira de dizer, dialeto, patoá, na fala entusiasmante de Vicente de Carvalho, o raro volume I de Pajinas Soltas, Tip. Brazil de Rothschild & Cia., S. Paulo, 1911, enfeixa além do citado "Em Redor do Fogo", outras legítimas obras-primas como "Selvagem", "Os Humildes", repositório para um dicionário de termos de nossa temática. Por eles perpassam frases e dizeres, já derrocados: porto do Buracão, no canal da Bertioga; touça de capim, lama da Gamboa; três ou quatro canoas descansavam em seco sobre estivas de jissara; ninhos de guaxes e um jarová, muito esguio; moitas de taquarussu, guapuruvu isolado entre arbustos, puçá, crimes ferozes, a lei de tália...

Vicente de Carvalho, em sua poesia (Fugindo ao Cativo), colocou as moitas de caraguatás, touceiras de brejaúva, em aléias glorificadoras dos cativos rumo ao Jabaquara, as flores de S. João dependuradas, festivas, à beira dos barrancos. Lembra ariscos caítus, a paca, preguiças, saguis, coriscando na mata e na ramagem. Seres, bichos de meu tempo, dos dias de meus avôs...

Na poesia "Marinha", verdadeiro poema, inicia os versos candentes:

Eis o tempo feliz das pescarias, quando maio aponta, a sorrir pela boca das flores, Derramam-se na praia as gaivotas em bando...

Alerta pescadores!

Peixe na costal! O aviso erra de frágua em frágua, chama de rancho, em rancho os camaradas. Eia:

As canoas estão ainda fora d'água enclachadas na areia...

E é remar, é remar para o largo... Aos poucos da praia a rede se aproxima... Saltam já peixes! Puxal ou saltando por cima das boias de cortiça o peixe todo escapa.

Venham os samburás de largo bojo e guela estreita. Encham-nos. É serviço. Mãos à obra! O lance foi feliz. Deu bem para a panela; a cada pescador cem tainhas. E há sobra.

E daqui a pouco, cheio o estômago, tranqüila a alma, vêm-se, abeirando os ranchos, em esteiras, homens dormindo, enquanto abanando-os, oscila o leque das palmeiras, E escuta-se o rumor monótono das ondas quebrando-se na areia

Gesta do homem litorâneo, caíçara, pescador do mar grosso, de Santos a São Sebastião. Criaturas simples, rudes, de extrema bondade, de feliz existência, junto ao costão rico de encantos, farto de peixe, alimento e principal comércio, labutando de parceria, vivendo, amando, morrendo...

Passaram com suas passadas rápidas, simples e majestosas, insertas nas lembranças e saudades de um tempo caro aos nossos corações. Mundo do caíçara, quase extinto...

A bela "Canção Caíçara", de Martins Fontes, coroa crônica de memórias:

De onde vens patrício, camarada, amigo? Salta da canoa, vem pousar em paz. És dos Alcatrazes ou do Bom Abrigo? De uma das Queimadas ou dos Zanzalás?

Vens de Vila Bela, Montão de Trigo? Vais a Cananéia, vais aos Craguatás? Venhas de onde vieres com prazer te sigo. Vas para onde fores, tu comigo irás.

É que toda a costa, paulistanamente, há uma só família de tão boa gente que em qualquer momento teu irmão sou eu.

Sem saber teu nome, dou-te o meu afeto. e no comunismo do meu pobre teto, a farinha é tua, todo o peixe é teu.

Martins Fontes tinha duas companhias constantes. De um lado, o sonho. De outro, a bondade.

Deixou a terna evocação de nossa infância:

Quando, no Guarujá, de abril a maio, O Pitangal se torna verde-gaio, Surgem os colibris, multicolores...

* Duílio Crispim Farina, presidente da Academia Paulista de História e membro da Academia Paulista de Letras, é autor de "Crônica da Ilha de Santo Amaro ou do Guaibe e o Guarujá".

Abílio, médico e educador

* Odilon Nogueira de Matos

Na realidade, menos médico do que educador, eis como se dimensiona a personalidade de Abílio César Borges, nascido na Bahia, em 9 de setembro de 1824, e falecido no Rio de Janeiro aos 17 de janeiro de 1891. Transcorreu, portanto, no início deste ano o centenário de seu falecimento sem que a imprensa e as entidades ligadas ao ensino sequer mencionassem a efeméride relacionada ao grande educador que, um dia, trocou a Medicina pela Pedagogia e nesta área grangeou excepcional renome nos quadros da cultura brasileira.

De fato, foi em Medicina que se formou pela Faculdade do Rio de Janeiro, com defesa de tese em 1847. Retornando à Bahia para o exercício da profissão em que se habilitara, viu logo que sua verdadeira vocação estava no magistério. Fundou em Salvador o "Ginásio Baiano", sua primeira experiência no campo educacional.

Após algumas viagens à Europa, onde realizou estudos pedagógicos, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde fundou em 1871 o "Colégio Abílio", que alcançou extraordinário renome pelos métodos de ensino nele aplicados e que valeram por verdadeira revolução no sistema educacional brasileiro. Em seus livros lutou pelo ideal de modernização e racionalização do ensino, entre outras coisas, a abolição dos castigos corporais, tão em uso na época.

De maneira bastante caricatural e não muito justa, serviu de modelo para o "Aristarco", personagem

principal do famoso livro "O Ateneu", de Raul Pompéia, publicado em 1888.

A verdade é que, tanto o "Ginásio Baiano", como o "Colégio Abílio", foram instituições modelares que caracterizaram o ensino secundário da época. Nelas, especialmente no do Rio, inúmeros brasileiros do maior destaque realizaram sua formação humanística. Numa história da educação ou mesmo da cultura em geral, em nosso país, seu nome não poderá ser omitido, como bem o fez sentir Fernando de Azevedo em sua valiosa obra sobre a cultura brasileira.

O lamentável, no caso de seus colégios, como de tantos outros no Brasil, é que eles desapareceram sem que se lhes escrevesse a história. Esta é uma das grandes falhas da pesquisa histórica no Brasil. Tive oportunidade, há pouco, de prefaciar um livro sobre a história de importante colégio de Florianópolis, e fiz sentir o problema, escrevendo, textualmente: "Quando tomo conhecimento de colégios, às vezes centenários, e que encerraram suas atividades sem que alguém lhes escrevesse a história, sinto uma profunda tristeza por ver como se desperdiçam temas de pesquisa, os quais, bem trabalhados, propiciariam algo de muito relevante para o resgate da memória de nosso passado e de nossa cultura".

Os colégios fundados por Abílio César Borges não duraram muito. Poucos sobreviveram à sua morte, em 1891. Nem sei se o "Abílio" chegou ao nosso século. Não importa. O que interessa é cons-

tatar a influência que exerceram em seu tempo como um dos poucos exemplos de ensino leigo na sociedade imperial. Não valeria isto um estudo?

A pergunta estava feita quando tomei conhecimento de recente monografia de mestrado, na área de Filosofia da Educação, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo pela professora campineira (radicada na cidade mineira de Três Corações), Maria Therezinha da Consolação Teixeira dos Santos. Numa "tentativa de interpretação" do famoso livro de Raul Pompéia, a autora, levando em conta que o "Colégio Abílio" é o "plano de fundo" utilizado pelo romancista para o desenrolar de seu livro, dedica toda a terceira parte de sua "dissertação" ("Analisando o espaço escolar...") ao colégio de Abílio César Borges, cuidando particularmente (e interpretando-o inteligentemente) do "plano de estudos" do educandário, "que fornece elementos preciosos para este inventário da reconstrução histórica". Mais ainda: um apêndice, transcreve a professora Maria Therezinha, integralmente, o "Plano de Estudos e Estatutos" do Colégio Abílio, tal como publicado no Rio de Janeiro, em 1872. Com esta contribuição, a professora campineira oferece significativo subsídio não só para um entendimento mais racional do livro de Raul Pompéia, mas também, dentro do que poderia comportar sua dissertação, para o resgate da memória do grande médico e educador. Esta surpresa com a monografia em questão vale por

uma resposta à pergunta que formulei ao encerrar o parágrafo anterior.

Na extensa bibliografia arrolada por Sacramento Blake do que foi publicado por Abílio, ocorre apenas um título relativo à Medicina: a tese com que se doutorou em 1847, "Proposições sobre ciências médicas". E informa ser esta a primeira proposição: "O coração não é um órgão essencial à vida, nem é por sua força que principalmente se executa a circulação do sangue no homem". Tudo o mais refere-se à Pedagogia e à Educação: livros didáticos, memórias, relatórios, mensagens, discursos etc. Seus livros didáticos referem-se particularmente ao ensino da língua francesa e da Geografia. Quanto ao francês, foi o divulgador, entre nós, do famoso método de F. Ahn, que eu cheguei a alcançar no início de meus estudos. E destaque merecem, ainda, "Vinte anos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes do ensino da mocidade" (1880) e a "Dissertação", lida num Congresso Pedagógico Internacional realizado em Buenos Aires, em 1882. Os temas sobre os quais versa esta "Dissertação" são: 1) Influência dos internatos normais sobre o melhoramento e a difusão da instrução primária; 2) Os melhores meios de em nossas escolas sustentar a disciplina e excitar nos meninos o gosto pela instrução. Abílio César Borges, foi nobilitado em 1881 com o título de barão de Macaúbas.

* Odilon Nogueira de Matos é membro da Academia Paulista de Letras e de História.

Coluna do livro

Dedicamos este espaço para prestar homenagem à Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, por ocasião do primeiro centenário de sua fundação.

Em 28 de abril de 1891, o governo provisório fundou a Tipografia do Estado adquirida do jornal "A Redenção", que teve grande atividade na campanha abolicionista, que terminara há pouco. O "minúsculo prédio" ficava nos fundos da igreja dos Remédios (depois demolida), onde hoje é a praça João Mendes.

Atualmente sua indústria gráfica imprime o Diário Oficial do Estado de São Paulo com, em média, 448 páginas diárias, e edita revistas, folhetos, livros, cédulas da Justiça Eleitoral etc. Publica, também, um jornal cultural, excelente, chamado D.O. Leitura. O último número (107) traz artigos de grande interesse histórico, enfocando aspectos da velha paulicéia. Todos os colaboradores, cada um no seu estilo, reproduzem, em palavras, as ruas, a paisagem, os trajés, as casas, músicas, enfim, o período bucólico e encantador que envolvia nossos chãos, tempos dourados, percursores da megalópolis de agora.

O primeiro artigo, de Sud Mennucci (1933), reproduz o difícil começo da imprensa oficial, a luta por melhores equipamentos, pelo prédio, com destaque para Horácio de Carvalho, expoente maior da imprensa paulista.

Depois há um artigo sobre a história do Museu Paulista (conhecido como Museu do Ipiranga), de Ulpiano Mendes; um outro sobre a história do Brás, Bexiga e Barra Funda (de Paulo Miceli), três bairros que fazem parte essencial da fisionomia urbana de São Paulo.

Luiz de Almeida Nogueira Porto escreve sobre os antigos barões do café, suas peculiaridades, os grandes fazendeiros e a fazenda Resgate, hoje tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Duilio Crispim Farina, em importante artigo, narra os primórdios da avenida Paulista, seus parques, o Instituto Pasteur, os hospitais, a balneação das flores, igrejas, gente e estilo.

Tem ainda muitos outros assuntos: O Imigrante Árabe em São Paulo (Neuza Nabhan); Movimento Operário em São Paulo, de 1890 a 1900 (Dainis Karepovs); Música Erudita, 1890-1900 (José Veiga Oliveira); A Proclamação da República, 1889-1891 (Roberto Machado Carvalho); e ainda o artigo de Célio Debes sobre acontecimentos políticos em São Paulo logo após a proclamação da República.

Quem desejar o D.O. Leitura, grátis, é só pedir através de carta dirigida à Imprensa Oficial do Estado S.A., rua da Moóca, 1.921, cep 03103, São Paulo, SP. G.A.P.

Alípio Corrêa Netto, três anos de saudade

No dia 25 de maio último fez três anos que Alípio Corrêa Netto faleceu. Homem de vida laboriosa e fecunda, deixou inúmeros seguidores, que deixarão seguidores, a perpetuar nos tempos as necessárias e valiosas lições do mestre eterno que se foi. Abaixo, uma lembrança do discípulo Waldir Inácio, professor associado do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Está em nossa memória, e o quanto ela é importante, melhor, útil, para o amadurecimento e desenvolvimento da vida, a pessoa do Grande Mestre, aquele que não só informava e ensinava mas formava e educava. Há homens que não mor-

rem, sim, não morrem. Estão vivos para a eternidade, pois, durante a vida, semearam não em terreno alheio.

Como está em Vieira, Alípio semeou o seu e não o alheio, porque o alheio e o furtado não é bom para se-

meiar, ainda que o furto seja de ciência. O alheio é bom para comer, não é bom para semear. E bom para comer porque dizem que é saboroso; não é bom para semear, porque não nasce. Alguém terá experimentado que o alheio lhe nasce em casa, mas esteja certo que, se nasce, não há de deitar raízes, e o que não tem raízes não pode dar fruto. Eis aqui por que muitos pregadores não fazem fruto, porque pregam o alheio e não o seu: Semen Suum.

Alípio semeou por onde passou sementes em terreno fértil, cujos frutos todos nós sabemos e como ele di-

zia: seus filhos, homens que assumiram idéias, respeito, responsabilidade, criatividade, humildade, espontaneidade, formando sem dúvida e com pausada certeza uma grande escola.

A dedicação, o amor, força motriz da vida, as suas causas com vontade contumaz, mas com respeito a si e ao crescimento do próximo, características dos grandes mestres, fazem ponto primordial da sua personalidade.

Ecumênico, universal, Alípio jamais morrerá, pois semeou no terreno da amizade, da bondade, da humildade e do amor.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon
Carlos Kleber Canova } Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca
Walter Pinheiro Guerra - Biblioteca

Nelson Pedral Sampaio
Wanda Gonda } Pinacoteca